

O FAIT DIVERS OU A RUPTURA DO COTIDIANO¹

SYLVIE DION*

INTRODUÇÃO

Diante do acontecimento banal, do cotidiano, das atualidades políticas e econômicas, os *faits divers* nos abrem as portas ao desconhecido, ao macabro e ao mistério. Eles nos apresentam um outro ponto de vista sobre o mundo, uma visão freqüentemente irracional no limite, às vezes, do inteligível e portadora dos temores e das convicções da época na qual eles se inscrevem. Os *faits divers* são práticas discursivas que fazem parte do universo da informação jornalística e da *mass media*. Eles narram a história de pessoas comuns que viveram acontecimentos extraordinários. Entretanto, qualquer que seja seu grau de aberração, eles permanecem estreitamente ligados à realidade e ao vivido. Mistério e realidade – é na união desses dois termos que os *faits divers* retiram seu poder de fascinação.

“SANGUE NA MANCHETE”: DA CRÔNICA AO HEBDOMADÁRIO ESPECIALIZADO

O termo *fait divers* significa, ao mesmo tempo, o acontecimento que se produziu e o texto que dá conta do mesmo; ele designa a rubrica de um diário sob a qual são reagrupados os incidentes, os assassinatos, os acidentes, os suicídios ou qualquer outro acontecimento marcante do dia. O uso desse termo remonta ao final do século XIX, no momento da criação da imprensa de massa na França. A conversa, naturalmente, foi o primeiro modo de difusão das notícias. No século XVII, na França, as notícias eram difundidas nas praças dos mercados, onde as pessoas reuniam-se e informavam-se sobre o que se passava no vasto mundo. A transmissão da

* Professora visitante no Dep. de Letras e Artes – FURG.

¹ Tradução do francês por Normélia Parise. O original deste texto foi publicado. In: “Autopsie du fait divers”, *Tangence*, Rimouski, n. 37, 1992.

informação nesses lugares era, a princípio, essencialmente utilitária, sendo o modo mais rápido de se saber, por exemplo, se uma guerra assolava o país vizinho ou se um grupo de malfeitores devastava determinada região, ou ainda se a peste continuava destruindo determinado vilarejo. Ao lado dessas informações úteis narravam-se também todos os tipos de relatos "verdadeiros e extraordinários". Estes angariavam um vivo interesse junto ao público.

Paralelamente ao desenvolvimento dessas práticas e aproveitando-se do progresso da imprensa, nasceram os *occasionnels*, assim designados "em razão de sua publicação episódica"². Os *occasionnels* traziam, mais seguidamente, acontecimentos políticos do momento: as guerras da Itália, os fatos e atos dos príncipes, as *entrées royales*, mas encontrava-se também ali, desde essa época, quantidade de "relatos extraordinários" e de "notícias curiosas", tanto mais inverossímeis quanto mais incontável sua autenticidade³. Essas publicações eram vendidas pelos mascates tanto nas grandes praças quanto na campanha. Entretanto, "mesmo impressas, as notícias difundidas no meio popular continuam fortemente marcadas pela oralidade. O consumo destas não é individual, mas coletivo, e serve geralmente de pretexto a um verdadeiro espetáculo".⁴

As gazetas, publicadas de modo regular, apareceram no século XVII e eram destinadas ao público letrado e culto. Da mesma forma, as *nouvelles à main*, notícias manuscritas distribuídas pelos caixeiros-viajantes no século XVIII, dirigiam-se também aos meios cultos. Com o surgimento das gazetas e das *nouvelles à main*, o público da informação se dividirá em duas partes, que, até o século XIX, permanecerão separadas".⁵

Do lado leitor popular, desenvolve-se, pouco a pouco, o comércio dos *occasionnels* e dos *canards*⁶, que estão profundamente ligados não somente à conversa, mas também à festa. No século XIX, o vendedor de *complaintes* e de *canards* é um personagem familiar. Ele se instala em um lugar freqüentado e desenrola uma tela pintada, na qual estão representadas as cenas-chaves de um *fait divers*. As pessoas reúnem-se ao redor do *canardier*, que recita ou canta uma história, habitualmente o relato detalhado de um drama vivido. Em seguida, ele ensina a seu público essa *complainte*⁷, composta em um ritmo conhecido. "Os *canards*, no início do século XIX,

² MUSÉE NATIONAL DES ARTS ET TRADITIONS POPULAIRE. *Le fait divers* [exposition/rédigé par Alain Monestier et Jacques Cheyronnaud]. Paris: Éditions de la Réunion des musées nationaux. 1982, 166 p. (exposition tenue à Paris, au Musée des arts et traditions populaires, du 19 nov. 1982 au 18 avril 1983, catalogue de l'exposition), p. 111.

³ Ibid. p. 111.

⁴ Ibid. p. 112.

⁵ Ibid. p. 113.

⁶ *Canard*: notícia ou história extraordinária contada como verdadeira.

⁷ *Complainte*: relato trágico dos fatos em forma de canto, num ritmo conhecido pela comunidade.

comportavam, geralmente, duas partes. Uma era o relato 'objetivo' dos acontecimentos, feito por uma voz anônima, a outra era a *complainte* do criminoso⁸. O texto ilustrado do *fait divers* era vendido no final do espetáculo.

Desde o nascimento da imprensa popular barata, em torno da metade do século XIX, ocorreu uma mudança notável nos hábitos de consumo e difusão dos *faits divers*. Substituindo o tradicional vendedor de *canards* e de *complaintes*, o jornal sai de "seu isolamento aristocrático e, baixando seu preço de venda para se colocar ao alcance de todos os bolsos, procura conquistar o imenso público popular que ele não pudera atingir até então"⁹. Além de ser acessível para as pessoas simples, o que não era o caso das gazetas e das *nouvelles à main*, esses jornais ofereciam ao grande público "uma informação essencialmente composta de *faits divers* apresentados de uma maneira romanceada e propositadamente melodramática".¹⁰

No Quebec, será necessário esperar a publicação do hebdomadário *Le petit journal*, em 1926, e a do diário *L'illustration*, em 1930, antes de se falar em imprensa popular. De fato, a imprensa canadense-francesa, no seu início e durante muito tempo será a porta-voz da elite intelectual, do clero e dos nacionalistas. Ela não se interessará pelo homem comum e, reciprocamente, este último consumirá pouco jornal.

Além dos *faits divers* publicados nos grandes diários como *La Presse*, *Le soleil*¹¹ ou *France-soir*¹², existem jornais especializados em *fait divers*, também chamados de "hebdomadários de atualidade policial". São, nem mais nem menos, compilações de *faits divers* ilustrados. Fórmula velha de mais de um século, criada primeiramente pelos canadenses-franceses, em resposta à enorme popularidade das gazetas populares, "esta literatura de *colportage*, tendo sido bem acolhida, os industriais da imprensa copiaram, por sua vez, a fórmula. Eles inventaram os hebdomadários de *faits divers* ilustrados, adaptando para a atualidade os velhos procedimentos dos *canardiens*".¹³

No Quebec, existem atualmente várias dessas publicações. As mais conhecidas são: *Allo police*, *Hebdo police* e *Photo police*. Na França, a mais célebre é sem dúvida *Déetective*, criada em 1928, e que tinha, no seu início, Joseph Kessel como diretor-chefe e redator-chefe. Os hebdomadários *Allo police* e *Hebdo police* têm uma tiragem de 75.000 exemplares aproximadamente. *Allo police* foi o primeiro jornal quebequense desse gênero. Surgiu no dia 28 de fevereiro de 1953. Abundantemente ilustrado e

⁸ FOUCAULT, M. Ces meurtres qu'on raconte. *Moi*, Pierre Rivière ayant égorgé ma mère, ma soeur et mon frère. Paris : Julliard, 1973. p. 272.

⁹ MUSÉE NATIONAL... p. 114.

¹⁰ Ibid., p. 114.

¹¹ Diário quebequense semelhante ao jornal *Zero Hora* de Porto Alegre.

¹² Diário parisiense.

¹³ BAILLON, Jean-Claude. *Complaintes et canards, Faits divers. Autrement*, p. 13, avril 1988.

confessadamente moralista¹⁴, esse hebdomadário definia-se como um jornal de informação sobre o crime e a valorização do trabalho dos policiais. Em sua primeira edição, o jornal apresenta-se assim: "Nós oferecemos hoje ao público um novo jornal que lhe permitirá interessar-se mais pela extraordinária tarefa que realizam nossos policiais para proteger os cidadãos. Esta publicação é, de alguma forma, um protesto contra as folhas, muitas vezes 'importadas' que se comprazem em explorar sem vergonha os mais baixos instintos da humanidade. *Allo police* não tem por missão expor os detalhes dos crimes com o único fim de encontrar um assunto de excitação¹⁵. No seu início, *Allo police* publicava conjuntamente os crimes da semana e as causas célebres quebequenses, americanas e européias, sob forma de rubrica. Pouco a pouco, o jornal concentrou-se na atualidade, com o gosto cada vez mais acentuado pelas fotografias-choques e os delitos de caráter sexual, privilegiando os *faits divers* locais. Outros jornais, como o *Hebdo police*, mais perto da tradição das primeiras compilações de *faits divers*, alinham os títulos maiores na página da capa, misturam indiferentemente atualidades policiais locais e *faits divers* vindos do estrangeiro, raramente nomeiam seus fontes e situam os relatos de forma vaga e imprecisa¹⁶. O surgimento relativamente recente, no Quebec, de programas de televisão consagrados aos *faits divers* (911, 24/24) calcados em modelos americanos, acentuou a tendência desses jornais em colocar em primeiro plano acontecimentos de caráter sexual. O *fait divers* não é mais acompanhado somente de fotografias, ele é doravante acompanhado de reportagens televisivas.¹⁷

NOSSO FAIT DIVERS COTIDIANO

As versões de um *fait divers* que encontramos nos diários devem ser distinguidas daquelas, muito mais longas e detalhadas, que oferecem os jornais especializados. Trataremos aqui somente das primeiras. Algumas

¹⁴ A título de exemplo, ver *Allo police* de 8 set. 1963, p. 2. O jornal define sua linha de conduta: "A linha de conduta de nosso jornal é de prevenir os jovens assim como os adultos contra os riscos que comporta o abandono de uma conduta sã e normal".

¹⁵ *Allo police*, v. 1, n. 1, 1953.

¹⁶ *Hebdo police* de 14 a 21 de janeiro de 1989 anuncia em manchete quatro dramas que não trazem nenhuma indicação precisa de lugar ou de tempo: "Por dinheiro, enfermeira envenena pacientes"; "Sua filha é disfigurada por um cachorro; ele mata o animal e o dono"; "Aos 14 anos, violentada e esfaqueada"; "Vitima da vingança de homossexuais". Cada relato é apoiado por fotografias. Entretanto, a situação geográfica e temporal permanece imprecisa. Da mesma forma, as fotografias são simplesmente identificadas por nomes.

¹⁷ Esses programas poderiam ser comparados ao "Aqui e Agora" brasileiro mas menos dramatizados. Diferentemente do programa brasileiro, as emissões americanas utilizam, normalmente, a reconstituição dos fatos e não mostram os supostos criminosos.

dentre elas ocupam as primeiras páginas do jornal (mais freqüentemente os crimes locais), outras encontram-se no centro do jornal e, às vezes, mesmo entre as páginas esportivas (geralmente os *faits divers* estrangeiros). Os *faits divers* locais são aqueles que dizem respeito diretamente a uma determinada coletividade (o protagonista pertence a uma coletividade, o acontecimento produz-se no ambiente imediato do leitor. Por isso, numerosos elementos de informação poderão ser corretamente interpretados somente pelos destinatários específicos aos quais o relato se destina, pelos iniciados (lugares conhecidos, práticas cotidianas, etc.). Evidentemente, o sentido literal do relato permanece inteligível fora da coletividade. Entretanto, o *fait divers* "local" é também e sobretudo portador dos elementos de informação de natureza pragmática que fogem ao destinatário não implicado. O relato recorre implícita e explicitamente à competência cultural do leitor. Os relatos de acontecimentos ocorridos no estrangeiro dizem respeito à coletividade na medida em que fortalecem nossos preconceitos sobre o Outro e atraem por seu exotismo e seu caráter de bizarro. O *fait divers* de origem estrangeira produz, no leitor autóctone, um distanciamento face ao acontecimento. Longe de serem somente engraçados e divertidos, estes relatos que nos chegam de alhures contribuem a moldar a idéia que uma coletividade tem das outras coletividades.

OS ROSTOS DA TRANSGRESSÃO

O *fait divers* tem má reputação. Fala-se freqüentemente de maneira depreciativa de "crônica dos cães esmagados". Esta prática discursiva é o protótipo do discurso de violência. Uma primeira característica do relato de um *fait divers* é a de apresentar-se sob a aparência de uma história verídica e familiar. Associados ao horror, esses relatos têm freqüentemente por temas as mortes violentas, os assassinatos hediondos, os suicídios. Encontramos também todos os tipos de acidentes, do mais engraçado ao mais horrendo, e também todos os tipos de infrações da lei – da pequena fraude à descoberta de vermes em um restaurante. Os *faits divers* narram também catástrofes naturais, apresentam monstros, personagens anormais, manifestações do além. Ocasionalmente, encontramos atos heróicos e erros judiciários.

Alguns temas poderão inscrever-se numa série: dramas familiares em que o pai assassina a mulher e filhos para, em seguida acabar com a própria vida, crianças mordidas por cachorros de briga, estupros concentrados em uma região, envenenamento em restaurantes asiáticos. Esta inscrição em série deixará uma impressão de contágio, de epidemia criminosa. Multiplicando-se assim, o crime inquieta ainda mais. Ele se torna

incontrolável e ameaçador, inscrevendo-se em uma espécie de maldição.

A leitura de um *fait divers* deixa uma impressão de proximidade e de atualidade. Esta impressão está ligada ao acontecimento vivido. Contrariamente a qualquer outra narrativa fictícia, é estabelecido desde o princípio que o narrado é não somente verídico mas também real. O aspecto dramático, espetacular e misterioso desses relatos impressiona. Eles não se limitam pura e simplesmente ao enunciado. O processo narrativo organiza e estrutura o acontecimento. O enunciador faz escolhas, privilegiando uma informação em detrimento de outra. Ele não deixa questões sem resposta e afirmações em suspense; o enunciador semeia a dúvida no espírito do leitor. Esse tipo de discurso constrói e difunde valores normativos, crenças populares e preconceitos que assombram o espírito do destinatário visado.

O relato de um *fait divers* é o da transgressão, de um desvio com relação a uma norma (social, moral, religiosa, natural). A transgressão é o resultado de uma ação que consiste em desobedecer, em violar um interdito, em ultrapassar os limites habitualmente permitidos e tolerados. Essa transgressão tem mil faces. Vai da transgressão social, da violação das leis civis, morais, ou religiosas à transgressão num sentido mais amplo, isto é, desvio sob todas as suas formas: desvio da natureza (tremor de terra, inundação, monstro marinho, monstro humano, etc.), desvio por intervenção do sobrenatural (aparecimento de um santo ou da Virgem, possessão diabólica, casa assombrada, etc.) desvio moral e social (assassinato, incesto, etc.). Decorrente disso, o *fait divers* é discurso de exclusão, de marginalização. Relata as preocupações sociais, as tensões e os interditos, reafirmando o código e as leis tanto sociais quanto morais. O desvio pode ser negativo ou positivo, moral ou social, ou ambos ao mesmo tempo. Pode ser religioso, dizer respeito à superstição ou a uma crença mais profana. Relatos didáticos, os *faits divers* ensinam os bons e maus comportamentos. Ensinam também a sanção e o castigo que resultam da transgressão. Sanções positivas e sanções negativas acompanham transgressões positivas ou negativas. As transgressões e as sanções negativas são aquelas mais freqüentemente transmitidas.

O *fait divers* alimenta-se da marginalidade, quando não a nutre. Ele faz parte de um processo de aprendizagem dos valores normativos, proporcionando aos leitores uma espécie de competência factual, isto é, uma competência baseada no relato de um acontecimento verdadeiro ou apresentado como tal. Ele oferece uma ocasião de "fazer de conta"¹⁸. No espírito do enunciador, tanto quanto do enunciatário, o fato de que a história narrada seja ao mesmo tempo banal e verídica permite a este último

¹⁸ MAFFESOLI, Michel. Une forme d'agrégation tribale. *Autrement*, Paris, n. 98, p. 91, 1988.

recuperar o relato e vivê-lo intermediado por alguém. Para o sociólogo Georges Auclair, a atração, o poder de fascinação dos *faits divers*, o que se qualifica freqüentemente como curiosidade "mórbida" "evoca os sentimentos mais arcaicos do homem: pela visão, pelo toque, pela possessão de um objeto ou, às vezes, pela simples leitura, assimilar-se um pouco da aura do trágico ou do sangrento, seria virtualmente inverter o signo, de maléfico torná-lo possivelmente benéfico".¹⁹

Essa ilusão de proximidade que o *fait divers* produz revela as relações entre o acontecimento e a realidade, por um lado, e entre o relato e a recepção, por outro. De fato, uma tragédia, um acidente dramático, um assassinato, etc. são *fait divers* na medida em que acontecem a outros ou a outro que não pertence à nossa comunidade. Em outros termos, nossa tragédia é freqüentemente o *fait divers* de um outro e vice-versa. O *fait divers*, ao se querer perto do leitor, pode criar ao mesmo tempo uma espécie de distanciamento.

O *fait divers* é incontestavelmente o tipo de informação privilegiado para as massas por várias razões: escrito em uma linguagem simples, familiar, freqüentemente ilustrado, está ao alcance de todos, coloca-se próximo das preocupações familiares do leitor. Uma outra característica do *fait divers* é narrar os dramas de pessoas comuns. Pessoas comuns das quais pouco se fala, fora desses relatos de transgressão. Querendo encontrar as marcas da opinião pública no século XVIII, a historiadora Arlette Farges observa: "O povo é descrito geralmente em sua manifestação corporal: fala-se dele quando aclama, grita: 'viva o Rei!', ou no momento em que ele briga nas esquinas, isto é, entre violência, rixa, transgressão e emoção"²⁰. O mesmo acontece com os *faits divers*: eles narram os dramas vividos extraídos da vida privada de pessoas comuns e o leitor pode se reconhecer em cada uma destas histórias que, no fundo, poderia ser a sua.

Entretanto, os jornais que se servem do *fait divers* para chamar a atenção do consumidor ou que fazem dele uma especialidade são, freqüentemente taxados de imprensa de sensacionalismo, de *voyeurismo*, de escândalo, etc. Porém, se conseguirmos ultrapassar o efeito escândalo, os *faits divers* podem constituir, para o etnólogo, o sociólogo ou o historiador, formidáveis medidores das tensões sociais (conflito interétnico), das normas e dos interditos (incesto, homossexualidade, delito sexual dos padres), dos medos (medo da Aids, medo das agressões em pessoas idosas) e de superstições de toda espécie. Michel Maffesoli, em sua contribuição para o número da revista *Autrement* consagrado ao *fait divers*,

¹⁹ AUCLAIR, Georges. *Le mana quotidien: structures et fonctions de la chronique des faits divers*. Paris : Anthropos, 1970. p. 183 (Coll. Sociologie et Connaissance).

²⁰ FARGES, Arlette, *Dire et mal dire*. Paris : Seuil, 1992. p. 32.

menciona que este "diz ao mesmo tempo o conformismo e a irrisão desse conformismo; ele exprime bem a duplicidade (*double, duple*) que estrutura toda existência social".²¹

Alimentado pelo aleatório da vida cotidiana das pessoas comuns, o *fait divers* traça o retrato-robot do outro, deste outro que transgride as leis. Não devemos perder de vista que a narração de um acontecimento não é jamais fixa e definitiva. Maffesoli fala do *fait divers* como "uma das múltiplas formas de agregação social, um dos fios que permitem às pessoas se encontrarem, de comungarem: o *fait divers*, após ter sido acontecimento, depois imagem, torna-se comentário de um pequeno grupo, ocasião de uma palavra comum".²²

Todo discurso, qualquer que seja ele, está inscrito em um ciclo de reatualização cujos enunciadores encontram-se em número variável e cujas formas de expressão são múltiplas. De fato, a versão impressa de um *fait divers* é somente um dos estados passageiros de um discurso que se reatualiza no âmbito de seu ciclo de reatualização. A dinâmica disso é a transmissão. Um acontecimento narrado será objeto de múltiplas reatualizações (conversa, rumores, anedotas, etc.); ele será doravante acessível pelo relato que se fará dele. Essas reatualizações constituirão *estados de relatos* diferentes.

Na origem desta cadeia narrativa, há um acontecimento sócio-histórico que narra uma transgressão. Este acontecimento será relatado uma primeira vez no jornal. Nós teremos dele uma primeira marca escrita, um primeiro estado. Paralelamente a sua vida "escrita", o relato terá também uma vida "oral". As pessoas contarão umas às outras o que leram, viram ou ouviram falar. Nós nos lembraremos dessa história, a daremos como referência, a citaremos como exemplo. O relato será pouco a pouco enriquecido de relatos similares. Cada relato de acontecimentos vividos apropria-se de alguma forma da realidade. Prática discursiva conformista, veículo de idéias feitas, relato de transgressão que coloca em cena pessoas comuns sob um fundo verídico, o *fait divers* quer ser uma compreensão do aleatório da vida humana, ao mesmo tempo expressão da ruptura do cotidiano banal e domínio passageiro do incontrolável.

²¹ MAFFESOLI, op. Cit., p. 93.

²² Ibid, p. 90.

BIBLIOGRAFIA

- AS GRANDES ÓPERAS. São Paulo : Ed. Abril, 1972.
- CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo : Ática, 1987. p. 198-215.
- CASTRO, Sílvio. A moderna prosa de ficção. In: _____. *A revolução da palavra : origens e estrutura da literatura brasileira moderna*. Petrópolis : Vozes, 1976. p. 252-271.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Nélida Piñon: *A força do destino*. In: _____. *O brinquedo absurdo*. São Paulo : Polis, 1978. p. 103-109.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. de Vera da Costa e Silva et al. Rio de Janeiro : José Olympio, 1990. p. 487-488.
- CLÉMENT, Catherine. *A ópera ou a derrota das mulheres*. Trad. de Rachel Gutiérrez. Rio de Janeiro : Rocco, 1993.
- COELHO, Nelly Novaes. *A literatura feminina no Brasil contemporâneo*. São Paulo : Siciliano, 1993.
- FLAX, Jane. Pós-Modernismo e relações de gênero na teoria feminista. Trad. de Carlos A. C. Moreno. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro : Rocco, 1991.
- HINCHBERGER, Bill. Una narradora de mitos modernos. *Américas*. Washington : OEA, feb. 1997.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil. *Nuevo Texto Crítico*. v. 2. n. 14-15, jul. 1994-jun. 1995.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-moderno*. Trad. de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro : Imago, 1991.
- _____. *Uma teoria da paródia : ensinamentos das formas de arte do século XX*. Trad. de Tereza Louso Pérez. Lisboa : Edições 70, s.d.
- _____. *The politics of postmodernism*. New York : Routledge, 1989.
- LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1993.
- MENDONÇA, Maria Helena. A busca da identidade na ficção feminina contemporânea. In: XAVIER, Elódia (org.). *Tudo no feminino : a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1991. p. 45-63.
- MONIZ, Naomi Hoki. *As viagens de Nélida, a escritora*. Campinas : Ed. da Unicamp, 1993.
- PIÑON, Nélida. *A força do destino*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1988.
- RIVAS, Duque de. *Don Alvaro o La fuerza del sino*. Zaragoza : Ebro, 1969.
- THE FORCE OF DESTINY. Opera in four acts by Francesco Piave (1862) with additions by Antonio Ghislanzoni (1869). English translation by Andrew Porter. In: VERDI, Giuseppe. *The force of destiny*. Opera Guide 23. London : John Calder, 1983.
- SOUZA, Maria Carmen de. Linguagens do feminino : especulações de timbres. *Camina*, Rio de Janeiro, Espaço 1 Editora, n. 8, p. 145-157, 1996-1997.